


Uma etnografia da festividade de São José do quilombo Carrazedo no município de Gurupá – Pará
An ethnography of the festival of São José in the Carrazedo quilombo in the city of Gurupá – Pará

 <https://doi.org/10.23925/ua.v27i44.e66930>

Fábio José Brito dos Santos¹

Resumo: Este trabalho diz respeito a uma das maiores expressões quilombolas do estado do Pará, isto é, a festividade de São José do Carrazedo, área rural do município de Gurupá. A manifestação é formada por múltiplas simbologias, categorizações, ritualizações e tradições que atravessaram gerações, instituindo um cenário religioso a partir de uma devoção santoral e do sentimento de pertencimento do quilombo, desse modo, acompanhou-se a edição festiva de 2022, após dois anos suspensa pela pandemia de Covid-19. O objetivo desta pesquisa foi analisar as etapas de manifestação que compreendem a ritualização da festa de São José do quilombo Carrazedo. Além da etnografia participante, houve entrevistas com lideranças da comunidade. Em síntese, concebeu-se que a expressão se caracteriza por fortes laços familiares e comunitários, alicerçado numa herança de saberes populares, contendo etapas que despertam credulidade nos ritos, envolvimento, respeitabilidade em cada protocolo de natureza sacra e comprometimento nos estágios vivenciados.

Palavras-chave: Festividade; Etnografia; Quilombo; Fé

Abstract: This work concerns one of the largest quilombola expressions in the state of Pará, that is, the festival of São José do Carrazedo, a rural area in the city of Gurupá. The manifestation is made up of multiple symbols, categorizations, ritualizations and traditions that have crossed generations, instituting a religious scenario based on a saintly devotion and the feeling of belonging to the quilombo, thus, the festive edition of 2022 was accompanied, after two years suspended due to the Covid-19 pandemic. The objective of this research was to analyze the stages of manifestation that comprise the ritualization of the São José festival

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (PPEdu/UEL), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

 0000-0003-1390-735X, E-mail: fabyosantos819@gmail.com

of the Carrazedo quilombo. In addition to participant ethnography, there were interviews with community leaders. In summary, it was conceived that the expression is characterized by strong family and community ties, based on a heritage of popular knowledge, containing stages that awaken credulity in the rites, involvement, respectability in each protocol of a sacred nature and commitment in the stages experienced.

Keywords: Festivity; Ethnography; Quilombo; Faith

Introdução

Neste estudo faremos uma apresentação etnográfica da festividade de São José do quilombo Carrazedo que ocorre anualmente nos dias 9 a 19 de março. A comunidade é localizada à margem direita da foz do rio Xingu, mais precisamente na deságua com o caudaloso rio Amazonas, está distante a 34 quilômetros em linha reta de Gurupá (sede do município) e a 378 quilômetros de Belém do Pará (capital do estado).

Quanto à fundação da festividade, os moradores mais antigos não sabem informar quando surgiu e também não há registros documentados do seu surgimento. No entanto, Baena (1833) enuncia que a chegada dos missionários para a construção do convento no Carrazedo se deu em 1692 e que ainda era possível ver as ruínas do convento em 1786. Provavelmente, nesse intervalo de tempo, a festividade de São José tenha se iniciado, visto que o padroeiro do Carrazedo é o mesmo santo que designava a ordem missionária, ou seja, os Frades Capuchinhos de São José.

Outrossim, a identidade exteriorizada na festa é concebida em cada estágio que abarca as cerimônias do santo, na alvorada, levantação do mastro, ladainhas, Gambá², noites de mordomagem³, esmolações (visita), Meia-lua⁴ e consagração da folia como parte indispensável no desdobramento de cada rito executado, tornando os foliões como expoentes

Dando sequência à etnografia, para facilitar a compreensão da temporada de celebrações em honra ao São José do Carrazedo, exibiremos todo o ciclo da festa. Todas as etapas são minuciosamente descritas a partir de uma técnica intersubjetiva no decorrer das cerimônias manifestadas no calendário cultural da festa, fazendo uma explanação desde os planejamentos e estruturação dos membros de organização da festa, contemplando as primeiras movimentações festivas, a execução de abertura dos festejos, o desenvolvimento das noites celebradas pelos foliões até o encerramento.

A preparação da festa é tida como uma confraternização anual para a comunidade,

² Dança típica dos quilombos gurupaense, será descrita com profundidade posteriormente.

³ Noites que compreendem entre a abertura e o final da festividade

⁴ Procissão fluvial realizada em barcos e lanchas.

uma data que faz parte do calendário fixo, fazendo da festividade não apenas uma cena religiosa, mas também uma forma de demonstração da união entre as famílias, transbordando as relações afetivas da comunidade em fraternidade num firmamento da tradição do quilombo. Sobre essa característica grupal dos festejos quilombolas, destaca-se que “vivenciar tradições, celebrar os santos de devoção, conhecer histórias dos mais adultos, dançar e cantar músicas tradicionais (ou novas) lhes conferem traços comuns” (Moura, 2012, p. 111).

É fato que a elaboração das celebrações perpassa o campo religioso, uma vez que a devoção ao santo é o oxigênio de toda a concepção festiva. Assim, todos os estágios da programação são completos de simbolismo e fundamento santoral, vividos intensamente em comunhão.

À vista disso, para os quilombolas em geral, essas expressões religiosas dispõem de significações comunitárias. Isso reforça o pertencimento dos moradores, que podem sacrificar compromissos particulares ou outra programação para manter o calendário das festas santorais. Em muitos casos até as aulas são suspensas nos períodos festivos (Moura, 2012).

As obras “*Uma comunidade amazônica*” de Charles Wagley (1957) e “*Santos e visagens*” de Eduardo Galvão (1955), ambas realizadas em comunidades quilombolas de Gurupá foram imprescindíveis para o desenrolar desta pesquisa, pois foram os primeiros pesquisadores a darem enfoque às folias gurupaense.

No caminho metodológico, além das entrevistas, executou-se observações, deduções, inferências, anotações e densas descrições. Conforme Geertz (2008, p. 7) o método etnográfico é praticamente “um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado”.

Durante a etnografia, foi imprescindível a observação participante, se aproximando ao máximo dos ritos, celebrações, preparações das cerimônias, liturgias, inclusive de algumas discussões mais internas da festa. André (1997) afirma que observar e participar simultaneamente facilita a descrição dos comportamentos e significados culturais e sociais dos sujeitos, que com as demais técnicas, o próprio etnógrafo tem mais propriedade do objeto

1 O ciclo da festa

As organizações para a festividade de São José geralmente são discutidas a partir do mês de dezembro. São três meses de planejamento da comunidade, pois todos os membros são encarregados para sua respectiva responsabilidade e a função de cada diretor é unicamente direcionada a um setor específico.

As atribuições de cada função são sempre as mesmas, havendo poucas variações nas funcionalidades. Os cargos são: presidentes, secretários, tesoureiros, responsáveis pela liturgia, responsáveis pelos foliões, responsáveis pela lanchonete, leiloeiros, responsáveis pela cozinha, zeladoras e locutores.

Wagley (1957) reitera que as festas quilombolas em Gurupá são constituídas mais do que uma simples programação do santo, já que alguns cargos são escolhidos para a temporada anual. Outros já possuem seus encargos na diretoria, independente da edição da festividade, que respondem como dirigentes e líderes naturais nos seus cargos, quase de forma vitalícia.

Os membros da diretoria geralmente são pertencentes de famílias muito presentes. Outros integrantes necessários são os juízes, escolhidos anualmente, "existem duas categorias de juízes, o juiz do mastro e o juiz da festividade, o primeiro é aquele que patrocina o primeiro dia de festa, marcado pelo levantamento de um mastro votivo em que se hasteia a bandeira do santo" (Galvão, 1955, p. 59).

Tanto os juízes do mastro quanto os juízes da festa são compostos por casais, isto é, um casal para cada juizado. Diferentemente da diretoria, são cargos ocupados por promesseiros, geralmente são crianças e adolescentes.

Algumas atribuições foram se modificando com o tempo e alguns encargos deixaram de existir, como é o caso dos juízes da festa. São figuras que desempenham um papel coadjuvante, mas suas presenças são mantidas por princípios de tradição. O relato de um quilombola estabelece essa modificação: "antigamente eram os juízes da festa que arcavam com todas as despesas, por vezes com seus próprios recursos. Hoje em dia

os juízes da festa não fazem quase nada, às vezes dão um café, porque quem faz tudo acontecer é o presidente” (Santos⁵, 2023).

As alterações que foram atingindo a estruturação da festa fizeram com que os juízes deixassem de ter uma atuação efetiva para ter uma simples composição elementar nos festejos. Os feitos da função não deixaram de existir, apenas foram transferidos para a presidência. A função de cada diretor começa a ser desempenhada efetivamente no final de fevereiro para o início de março, quando as programações começam a ser divulgadas. A igreja e a barraca⁶ passam por ajuste e reformas, os foliões vão sendo recrutados e convidados pelo responsável por cada área, as zeladoras vão aseando a imagem do santo e enfeitando os altares. A comunidade espera cada momento como se fosse uma contagem regressiva.

No dia que antecede a festividade, as preparações já estão à espera. A abertura começa na madrugada do dia 9 de março com a alvorada. Habitualmente, às 4h da manhã, as luzes elétricas são ligadas na vila. Fogos de artifícios são estourados para acordar e atrair os moradores. Foliões e devotos se dirigem à capela para a celebração e os demais se aglomeram na animação da barraca. O fogão a lenha da cozinha se encontra em chamas para o café da manhã e os tamboreiros aproveitam para aquecer e afinar os tambores próximo ao fogo.

Por volta das 05h30 da manhã, o mestre-sala⁷ faz o sinal de chamamento para todos com seu raspador: é hora do cerimonial da alvorada. Os foliões se posicionam em formato de meia-lua, assim a folia específica do alvorecer é entoada ainda na escuridão da antemanhã, finalizando-se com a aurora do dia.



Celebração da alvorada pelos foliões

Fonte: Lucas Pimentel (2022)

⁵ Sebastião Nascimento dos Santos (56 anos) liderança da comunidade passou a ocupar o cargo de coordenador dos foliões após a morte do pai, em 2010.

⁶ Salão comunitário onde acontecem as promoções e leilões da festa.

⁷ Ritmista que toca o reco-reco.

A folia da alvorada consiste em dois momentos: primeiro vem a cadência compassada. Posteriormente, os mesmos versos são entoados em cadência frenética. Após os dois entoamentos, os foliões se dirigem à barraca do santo, tornando repetir os versos em ritmo de Gambá. O encerramento se dá com o café, beiju dos mais variados tipos, bolacha, pães e outros alimentos, sempre priorizando os foliões e, em seguida, os demais presentes. Sobre esse momento inicial, um dos responsáveis pelos foliões reitera sobre possíveis mudanças: “antigamente o café da alvorada era na casa dos juizes do mastro. Eles faziam questão de ouvir os tambores em casa logo de manhã cedo. Hoje em dia não vejo mais essa animação. É muito difícil o juiz exigir a nossa presença de manhã cedo” (Benaion⁸, 2022).

Diante disso, os juizes do mastro fazem a oferta do café. A folia que era cantada no domicílio dos juizes passa a ser realizada na barraca. No entanto, não é regra. Tudo é a critério dos juizes. Após o café, os foliões fazem a busca do mastro na floresta que já foi extraído de uma árvore. O trajeto é de aproximadamente um quilômetro e os devotos que se dirigem à floresta, transportam e enfeitam o mastro.

A busca do mastro é uma etapa recente na festividade, inserida há pouco mais de dez anos. A inclusão do percurso foi embasada na festividade de São Benedito de Gurupá, que sempre manteve essa tradição. No intervalo da manhã para o entardecer, os juizes, em conjunto com a comunidade, decoram o mastro com folhagens de açazeiro e barbantes. A extensão é adornada de frutas da região e até pacotes de bombons. No topo é fixado uma bandeira estendida com a imagem estampada do santo.

A partir das 17h são os foliões conduzem os cânticos de levantação do mastro, que se inicia na capela com a entoação da folia. A imagem do santo é levada para a parte externa e, em seguida, o mastro é erguido pelos fiéis.

No instante do levantamento, os foliões cortejam a base do mastro em forma circular, tirando versos em agradecimento ao santo. A celebração é finalizada na capela. Sem dúvidas, “a ereção do mastro marca a inauguração oficial dos festejos” (Wagley, 1957, p. 264). O seu destaque visual pode ser percebido de longe, dando notoriedade para

⁸ Aguinaldo dos Santos Benaion (70 anos) liderança comunitária e atuou por muito tempo como folião de São José.

a manifestação em curso do santo, numa espécie de convocação dos fiéis dos arredores. Sobre a levantação do mastro, há uma curiosidade difundida entre os mais antigos:



Mastro de São José

Fonte: Lucas Pimentel (2022)

Os mais velhos acreditavam que quando o mastro era levantado já se sabia de onde seria o próximo juiz do mastro, porque eles observavam para onde a traseira da bandeira do mastro apontava, que significava o rumo da comunidade que seriam os possíveis futuros juízes (Nascimento⁹, 2022).

A comunidade não possui mais o princípio mencionado, tampouco conhece essa convicção apresentada pelo morador. O que não foge à percepção é que a levantação do mastro é um dos momentos mais participativos, não só no envolvimento direto com a programação, mas no comparecimento em massa dos comunitários.

As celebrações na capela começam às 20h. Os foliões, por obrigação, abrem e fecham as celebrações. Eles fazem o convite para primeira ladainha com os devotos já à espera, assim como as rezadeiras que já estão com as liturgias prontas. O tipo de reza da noite fica a critério dos juízes da festa, muitas vezes são eles que escolhem as rezadeiras. Os estudos de Lopes (2013) nas comunidades quilombolas de Gurupá asseguram que a ladainha em latim é a oração mais comum nos novenários e remetem muito a presença

⁹ Oswaldo Benjamim do Nascimento é um dos comunitários mais antigos da vila. Já fez parte da diretoria da festividade em inúmeras edições, é sócio fundador da Associação de Remanescentes de Quilombos do Município de Gurupá (ARQMG) e um dos integrantes de fundação da Comunidade Eclesial de Base São José do Carrizado, tem 82 anos de idade.

do catolicismo popular. O mais curioso é a letra incompreendida pelos devotos e até mesmo pelas próprias rezadeiras.

Alguns rezadores iniciam a celebração com uma espécie de introdução cantada em português, na qual exaltam o padroeiro da comunidade e rogam pela proteção, repetindo-se em um refrão várias vezes. Em seguida rezam orações populares em coro, como o pai-nosso, ave-maria e glória ao pai, para depois iniciar a ladainha em latim. A ladainha em si não muda, “o interessante é que mesmo sendo um santo, a ladainha, entoada num latinório arcaico e muitas vezes adaptado, roga à Virgem Maria, através de seus tantos títulos contidos na litania” (Lopes, 2013, p. 72).

Foliões, devotos e até mesmo jovens e crianças respondem o refrão da ladainha. Já os promesseiros podem segurar a imagem à frente do altar, mas geralmente os juizes do mastro portam a imagem nesse momento. No término da ladainha, os foliões encerram e agradecem a reza, depois se direcionam à barraca somente com os instrumentos sonoros para iniciar a tradicional dança do Gambá, também chamado de mão-de-samba.

Essa dança é peculiar nas festas de santos das comunidades quilombolas de Gurupá. É muito parecida com o Carimbó, com transições rodadas, passos curtos e movimentos circulares. Os homens dançam com braços abertos e as mulheres com ombros e mãos abertas, ambos soltos, com movimentos que fazem alusão ao voo dos pássaros.

Sobre o contexto histórico e cultural da dança, Callado (2013) enuncia que o Gambá¹⁰ é, possivelmente, vindo da África, das religiões afrodescendentes, e se instalou no Pará na época colonial com desígnio de cultuar entidades religiosas. No entanto, a imposição da Igreja Católica fez os escravos substituírem seus orixás pelos santos católicos. Muitas vezes a dança era subentendida como folclore pelos colonizadores. Contudo, as coreografias remetem a rituais presentes nas expressões do Candomblé.

Na festa de São José, percebeu-se que o Gambá é uma espécie de aquecimento para o baile da noite, acontecendo geralmente no intervalo das ladainhas para o leilão do santo. Dessa forma, os foliões animam a noite, os locutores convidam os presentes e a

¹⁰ Sobre origem do nome Gambá, Callado (2013) afirma que os patrões e senhores de escravos apelidavam aquela dança de cultura negra de gambá, pela similaridade com o odor do animal, pois quando os escravos dançavam suavam muito. Como a questão da higiene pessoal era muito precária na época, o cheiro não era dos melhores.

barraca se abarrotava de devotos dançando ao som dos tambores e os versos dos foliões.

A dança dura cerca de 15 minutos, as coreografias são livres e individuais, não há uma sincronia padrão entre os indivíduos. Isto é, acontece de forma aleatória sem nenhum tipo de ensaio ou preparação. O ponto culminante do Gambá acontece no seu desfecho, quando sobra apenas um casal, formado por um homem e uma mulher que comumente são anciões da comunidade,



Dança do Gambá
Fonte: Lucas Pimentel (2022)

representando a pomba e o gavião. Nesse momento, os foliões cantam em coro alto “e a pomba com gavião, caiu de banda”. O objetivo da pomba (mulher) é pegar ou tocar no gavião (homem) que foge a qualquer custo. Desse modo, quando começa a caça, o público se atenta a aplaudir. Contudo, a dança termina no exato instante que a pomba captura o alvo.

O término do Gambá também é o encerramento participativo dos foliões em atividade no dia, dado que nesse decorrer se iniciam as promoções comunitárias da festa, como bingos, leilões, quermesses, comilanças e músicas ao vivo. Toda a programação da noite é encarregada pelo juiz do mastro com colaboração da comunidade. Dentro do recinto da barraca são restringidas bebidas alcoólicas. Mas, por vezes, são consumidas discretamente ou oferecidas de forma seletiva para alguns sujeitos, visto que a prática é vedada pelo conselho paroquial.

Nas minhas observações durante o primeiro dia de festividade, constatei que a comunidade vive o início de forma intensa, não só pelo simbolismo que abre as comemorações, mas pelas formalidades que preenchem quase todos os horários da abertura, que vão da madrugada até altas horas da noite. A partir do segundo até o oitavo dia de festividade – chamados de mordomagem –responsabilidade dos mordomos¹¹, acontecem as novenas à noite na capela. Cada dia tem um mordomo diferente, que convidam os devotos para as rezas, ofertam os banquetes na barraca para os presentes,

¹¹ Responsáveis pela feitura das noites de mordomagem

providenciam os donativos para o leilão, promoção dos bingos e quermesse em geral. Os mordomos são aquelas pessoas que “organizam as atividades e as despesas dos dias que medeiam entre a ereção do mastro e o próprio dia do santo [...], as atribuições dos mordomos limitam-se a oferecer café, bolo de mandioca aos que comparecem à ladainha” (Wagley, 1957, p. 261).

A escolha e seleção dos mordomos para cada noite foi naturalmente se adaptando conforme as peculiaridades da comunidade, sobretudo com a inclusão de um contingente maior de abrangidos. Como menciona este líder comunitário: “a tradição era escolher um casal como mordomos, porém como a comunidade foi crescendo algumas famílias ficavam de fora, aí transformamos para famílias” (Vieira¹², 2022).

No ano em que acompanhei a festividade, os mordomos eram divididos em doze famílias e abrangiam todos da comunidade, de tal forma que é comum um comunitário ser contemplado em duas noites diferentes, por integrar em duas famílias distintas, uma paterna e outra materna. As famílias de mordomos eram: Santos, Vieira, Marques, Pena, Lima, Costa, Moraes, Ribeiro, Fernandes, Benaion, Alho e Nascimento.

Essa ordem fixada é permanente, não há mudanças corriqueiras de um ano para o outro, exceto quando surge uma outra família, que é muito raro de acontecer. Todas as programações da noite de mordomagem são apenas novenários. As cerimônias ocorrem unicamente à noite, não havendo nenhuma celebração ou mobilização na parte do dia. Às vezes as famílias soltam fogos de artifícios de hora e hora para empolgar a população a comparecer à noite.

Resumindo: as noites de mordomagem são apenas novenas e quermesses que vão das 20h até no máximo às 23h. Por vezes, os mordomos podem optar também por um terço ou ladainha em vez da tradicional novena. Dessa forma, nessas cerimônias não há presença da folia, porém caso



Devota na ladainha da mordomagem
Fonte: Lucas Pimentel (2022)

¹² Waldomiro Pena Vieira (48 anos) é líder comunitário e um dos locutores oficiais da festividade de São José, tem forte ligação como os movimentos paroquiais e quilombola.

a família exija, os mordomos devem providenciar e comunicar os foliões com antecedência, mas dificilmente isso acontece.

Contemplei que, nas noites de mordomagem, as famílias se aproximam mais da imagem do santo, fazendo suas orações pessoais e vivenciando intensamente a programação, pois nesse período, a festividade é composta apenas por pessoas da comunidade local, o que facilita a aproximação. Na última noite de mordomagem a programação é atípica das anteriores, chamada de bandeiração. Os mordomos da noite são famílias avantajadas (linha de frente no festejo e com influência econômica). Por anos foram realizadas pela família Benaion. Em 2022 foi por incumbência das famílias Alho e Nascimento.

A bandeiração consiste em um dia mais movimentado, pois acontece no antepenúltimo dia de festa, encerrando as mordomagem. Desse modo, os foliões voltam às atividades festivas, dando início à esmolação do santo nas residências. Por volta das 8h da manhã, os foliões começam levando a imagem do santo apenas aos domicílios mais distantes, como: igarapés¹³, ilhas e extremidades da vila.

A esmolação iniciada na bandeiração ainda é recente, visto que antes era realizada apenas no penúltimo dia. Nos últimos anos adotou-se realizar em dois dias, isto é, no antepenúltimo e penúltimo dia dos festejos. Entretanto, essa mudança teve seus motivos: “no início, a esmolação era feita apenas num único dia, mas como a comunidade cresceu muito, aconteceu que os foliões quase não conseguiam fazer as visitas em todas as residências, por isso que a comunidade mudou as esmolas para dois dias” (Corrêa¹⁴, 2022).

Nesse sentido, a esmolação do santo é algo sublime para os moradores, visto que é o momento em que a imagem vai aos lares dos devotos. Cada morador se prepara para esse instante, os fiéis soltam fogos na chegada, improvisam mesas e altares enfeitados com flores, velas, fitas, panos coloridos e até imagens de outros santos católicos.

Na chegada às residências, os foliões entoam os versos em agradecimento e após

¹³ Estreito curso de água doce, típico da região amazônica.

¹⁴ Benevaldo Marques Corrêa, de 64 anos de idade, foi coordenador comunitário, presidente da festividade de São José, atuou nos movimentos político-sociais, como: o STTR, PT, FASE e principalmente na reivindicação de titulação das comunidades quilombolas. Foi tesoureiro ainda na primeira gestão da ARQMG.

a permissão do encerramento da folia, os devotos oferecem café, beijos, bolachas, bolos, refrigerantes, frutas, guloseimas e até algumas doses de cachaças, esta última de forma sigilosa. No intervalo para os lanches, os fiéis fazem suas orações particulares, amarram as cédulas de dinheiro nas fitas da imagem e fazem os donativos para o leilão na barraca. Os donativos são considerados um dízimo tanto para igreja quanto para o devoto.

Observei que o roteiro é o mesmo em cada residência. Contudo em algumas propriedades com famílias de maior poder aquisitivo são tocados Gambá (mão-de-samba) antes da despedida, como uma forma de animar e cativar o chefe familiar. O chefe da família é o indivíduo que acolhe e sustenta a imagem da porta de sua casa para o altar, como também leva a imagem até a casa do vizinho ao lado, dando sequência à esmolação.

No momento em que acontece a esmolação, os mordomos do respectivo dia estão na igreja e barraca fazendo as ornamentações e ajustes para a noite da bandeiração. Como o próprio nome reitera, os espaços do santo devem ser bandeirados exatamente nesse dia, com isso, a família que tem essa incumbência deve caprichar na decoração.



Repasse da imagem na esmolação
Fonte: Lucas Pimentel (2022)

Os enfeitamentos empregados são basicamente bandeirinhas coloridas, adereços artesanais de cipó, folhas e flores sintéticas ou naturais e alguns outros tecidos coloridos que contornam as mesas, altares e paredes dos âmbitos do santo. Percebi que essa última noite de mordomagem arrebatava a população, de forma que todos ficam curiosos para contemplar a ornamentação e as promoções, visto que, já estão presentes muitos visitantes.

Por volta do meio-dia, os foliões se dirigem com a imagem do santo para casa de um promesseiro que ofertará o almoço. Muitas vezes o promesseiro também é o mordomo da noite. Após a refeição, oferecida na barraca, os foliões fazem a cerimônia de agradecimento à mesa do almoço, dando continuidade à esmolação até o percurso final.

Com o retorno da imagem do santo na capela, os foliões encerram a esmolação do dia. Dando sequência à programação, às 18h, os foliões voltam à igreja e realizam a

tradicional cerimônia das Trindades¹⁵, que dura cerca de 15 minutos. Logo em seguida, acontece a janta dos foliões. No horário da noite, as programações seguem comum aos mordomos anteriores, com ladainha, promoções de leilões e quermesse. E com a participação dos foliões, a dança do Gambá torna a abrilhantar a noite, que, dessa forma, encerra as oito noites de mordomagem da festividade.

Com o término das noites de mordomos conduzidas pelas famílias, chegam-se os dias de maior proeminência, que comumente são no sábado e domingo. Na madrugada do sábado acontece a tradicional alvorada. O café da manhã é de responsabilidade dos juizes da festa, a comunidade já dispõe de muitos visitantes, promesseiros e apreciadores da festa, de tal forma que várias embarcações tomam conta da margem da vila.

Nessa alvorada é perceptível um número maior de presentes, fogos de artifícios já são notados desde a madrugada e a movimentação fica intensa. Por volta da 9h, os foliões dão continuação ao segundo dia de esmolação, dirigindo-se aos lares que ainda não receberam a visita. O processo dessa esmola também é similar ao do primeiro dia e se encerra por volta das 14h. No restante da tarde, os foliões descansam para próxima cerimônia.

Às 16h, os foliões se reúnem na casa do responsável pela folia para vestir as fardas oficiais. O momento é tão importante que os ritmistas guardam a indumentária para esse ápice. Exatamente às 17h, entoa-se a cerimônia de convite à Meia-lua feito na capela, dirigindo o santo até a embarcação principal.

A embarcação que transporta os foliões já se encontra com inúmeros promesseiros, com finalidade de portar o santo nas mãos durante a solenidade. Eles aguardam sua vez em fila, organizada pelo próprio mantenedor/mantenedor¹⁶ e sargento¹⁷, que são os únicos foliões que permanecem ao lado do santo na procissão fluvial. Já os alferes se posicionam no toldo (externo), uma na parte posterior e outro no anterior. Quanto aos demais ritmistas se espalham por outros espaços internos do barco.

Percebi atentamente que, para os devotos, portar a imagem em seu colo tanto

¹⁵ Oração cantada na igreja, faz menções ao Pai, Filho, Espírito Santo e outras figuras bíblicas.

¹⁶ Folião de maior função na hierarquia do grupo rítmico. A palavra é pronunciada de ambas as formas.

¹⁷ Folião que carrega uma cruz estilizada, sendo uma espécie de guarda do santo.

na Meia-lua quanto em outro momento festivo, dependendo das situações particulares de cada um, equivale a agradecer pelas bênçãos durante o ano, firmar votos e desejos para o próximo ano. Muitos dos promesseiros veem o ato como uma forma de remissão dos pecados. Essa conduta é tão valiosa que o mantenedor usa do tempo completo da Meia-lua para pôr a imagem no colo dos promesseiros, estipulando uma escala de horários comum para todos, independentemente da circunstância particular de cada fiel.

Assim, essa formalidade é um dos momentos mais admiráveis da festividade, a denominada Meia-lua. Wagley (1957) expõe que a cerimônia se configura numa procissão náutica, em que as embarcações traçam uma rota em comum de formato circular, sempre atravessando de um lado para o outro. Grupo de foliões conduzem a imagem na embarcação ao som de tambores, orações e cantorias de exaltação a imagem do santo.

Os visitantes e moradores também se preparam para o momento, de modo que muitas pequenas e médias embarcações são enfeitadas com balões e tecidos, soltando fogos de artifícios e contornando o barco do santo para “dobrar a Meia-lua”. Nessas embarcações vão todas as faixas etárias de público, crianças, jovens, adultos e idosos. Os que não estão a bordo ficam em pontos estratégicos da vila, em trapiches públicos ou particulares, em frente às suas propriedades e nas dependências externas da capela e da barraca, para assim presenciar de perto o embarque e desembarque do santo.

A Meia-lua, propriamente dita, dura em média 45 minutos, e é composta por três voltas de 360° graus completas, abrangendo desde a primeira até a última casa da vila, com saída e chegada no trapiche da capela. Durante as três voltas, o santo é recebido com fogos, enquanto na capela, são percutidas as badaladas dos sinos seculares do Carrazedo.



Devoto portando o santo a bordo

Fonte: Lucas Pimentel (2022)

Na primeira e segunda volta, a procissão fluvial é de marcha mais lenta, já na terceira e última a velocidade é aumentada. Entretanto, há um total respeito pela embarcação que conduz a imagem do santo. Até mesmo as lanchas de maior celeridade se recusam a ultrapassar, como forma de compostura.

Após o término da Meia-lua, a embarcação principal ancora no trapiche da capela começando um pequeno cortejo de maneira vagarosa com a imagem do santo à frente e os ritmistas na retaguarda. Essa etapa é chamada de *Matinada*, momento em que os foliões agradecem com cantorias por proporcionar um momento tão singular, ocorrendo também uma exaltação aos deveres cumpridos durante o festejo.

Observei que essa etapa é tão tocante que muitos fiéis se aproximam da cena. Por vezes um promesseiro exige carregar a imagem do santo de joelhos. Nesse decorrer, os foliões fazem algumas pequenas paralisações com intuito de saudar todos os presentes. O trajeto é de aproximadamente 100 metros do trapiche até o altar central.

Com a entrada ao entardecer, na capela os foliões agradecem aos devotos que se dispuseram a vivenciar a Meia-lua e pelo sucesso da cerimônia completa. Em seguida, dão prosseguimento cantando as Trindades, celebração já mencionada anteriormente. A etapa é encerrada por volta das 18h30, quase ao anoitecer.

Com o encerramento, os foliões com seus respectivos instrumentos se dirigem à barraca para



Momento do *Matinada*
Fonte: Lucas Pimentel (2022)

o singular jantar da noite. Essa refeição é considerada a mais bem concebida do festejo, possuindo um cardápio diversificado: oferta-se carne bovina e suína, frango, farofas, caldos, frutas, bebidas geladas e até sobremesa. A hierarquia contida na folia também é respeitada nos assentos e no ato de servir a comida, mas no geral todos se saciam plenamente, incluindo alguns diretores da festa, rezadores, apoiadores e acompanhantes da folia.

Essa refeição é doada pela comunidade, provindos de recursos próprios. Toda a comida é feita na própria cozinha da barraca, por responsabilidade dos diretores da cozinha. Entretanto, essa atividade já teve mais importância. No relato a seguir, podemos ratificar essa alteração: “antes os responsáveis pela cozinha eram sobrecarregados, tinham que fazer comida para todos, mas como a festividade cresceu não deu mais, hoje em dia a cozinha só serve para fazer um cafezinho e refeições para os foliões” (Corrêa, 2022).

Na minha observação participativa, notei que algumas famílias que moram nas adjacências da capela e da barraca ainda costumam buscar alimento nos horários das refeições, principalmente após a Meia-lua, momento no qual os foliões estão em refeição. Percebi que ofertar uma boa refeição para os foliões é reconhecer a importância deles para a festividade, gratificando-os com um bom cardápio. Muito do que o santo recebe, como promessas, donativos, doações, fitas e outras ajudas, depende diretamente da ocupação dos ritmistas, dado que essa ponte entre devoto e santo é proporcionada por eles.

Ao encerrar a janta, com todos saciados, acontece o rito de agradecimento à mesa. Trata-se de uma das cerimônias de grande atenção, principalmente para os cozinheiros que preparam a refeição que se aproximam da mesa para presenciar o momento de gratulação aos envolvidos. Foliões agradecem aos cozinheiros, aos arrumadores da mesa, às pessoas que serviram as



Agradecimento à mesa
Fonte: Lucas Pimentel (2022)

comidas e bebidas, fazendo elogios aos apoiadores e à qualidade dos alimentos. Todos os tocadores participam, bem como o mantenedor, sargento e alferes.

Um ponto interessante no agradecimento é que, antes de iniciar esse rito, as cozinheiras enchem vários copos de águas sobre a mesa. Cada folião se serve do copo de água e agradece aos cozinheiros presentes, como forma de encerrar por completo a cerimônia. Em seguida, os foliões guardam os instrumentos na capela e, por volta das 20h, se inicia outro momento de valorosa tradição para a comunidade, chamada de Reunião de Mordomos.

A cerimônia acontece nos instantes que antecedem a última ladainha do santo, que expressa as derradeiras etapas da festa religiosa.

A reunião é uma celebração realizada na barraca, conduzida também pelos foliões. As cadeiras são colocadas em formato da letra U no centro da barraca. O locutor oficial da festa faz a abertura, chamando todos os juízes e mordomos para os assentos determinados. Além disso, convida os indivíduos conforme a ordem crescente do festejo, iniciando pelos juízes do mastro e o mordomo de cada noite. Cada família deve apresentar um integrante e, finaliza-se com os juízes da festa.



Reunião de mordomos
Fonte: Lucas Pimentel (2022)

Os integrantes da mordomagem podem ser representados por crianças de suas famílias. No caso dos juízes, é obrigatória suas presenças, a substituição não é permitida. Uma vez que todos os assentos estejam ocupados, é distribuída uma vela para cada mordomo. A celebração inicia quando os foliões cantam a folia.

Apreendi que a Reunião de Mordomos é uma espécie de agradecimento aos juízes e às famílias que se dedicaram durante todas as noites de programação da festividade. Durante os versos entoados pelos foliões há vários comandos como levantar, sentar, acender ou apagar a vela, tudo de acordo com a gerência do mestre-sala. É um rito com muita seriedade, os devotos se aglomeram nas margens da barraca e aguardam a cerimônia se transportar para a capela, de forma que as velas acesas formam um panorama atrativo nas mãos de todos.

Nos cânticos são versados elogios aos juízes, exaltação ao santo como imagem redentora de todos, gratidão aos mordomos pelos alimentos e atenção prestadas a cada noite. Infere-se que os indivíduos presentes na cerimônia tendem a chegar bem cedo e geralmente se vestem com roupas bem-apessoadas com a finalidade de ter um bom destaque em relação aos demais.

Dessa forma, a cerimônia não se encerra na barraca. Os foliões convidam os

mordomos para uma pequena caminhada até a capela para a ladainha. No caminho, fazem duas pausas a fim de celebrar o embelezamento das luzes acesas e o fascínio pela noite escura.

Foi perceptível que, durante o trajeto para a capela, os alferes fazem uma ostentação espetacular com as bandeiras com intuito de atrair os olhos para elas, por vezes, inerte e, por vezes, em caminhada. Já os mordomos contemplam o momento segurando suas velas, embora, a maior parte dos devotos já se encontram na igreja para a última ladainha.

Desse modo, ao adentrarem no espaço da capela, por volta das 20h30, começa a ladainha. Um número expressivo de promesseiros está a postos para segurar a imagem do santo no decorrer da reza. Os promesseiros geralmente são pessoas com enfermidades particulares ou têm agradecimento pelas curas recebidas durante o ano. Lopes (2013) relata que apesar das distâncias geográficas e do isolamento de tais comunidades, o contato do promesseiro com o santo nas ladainhas, rezas e devoções costuma proporcionar uma locomoção de fiéis, ligadas pelos parentescos, fé e manifestação do catolicismo popular. Esse contato é supervisionado pelo mantenedor, que por incumbência do seu encargo faz o controle de ordem e tempo de cada promesseiro, permanecendo sempre ao lado para qualquer assistência ou imprevisto.

Quando se conclui a ladainha, todos promesseiros já seguraram a imagem e conseqüentemente pagaram seus votos de obrigação. Em seguida os foliões tomam o protagonismo com o agradecimento da reza e posteriormente executam o rosário¹⁸ de forma que todos se dispõem a fazer a benzeção no altar, alguns oram, outros beijam e até ofertam dízimos.

Quando se inicia o cântico do rosário, os foliões se afastam da parte frontal do altar e se posicionam nas laterais, para que os fiéis possam fazer a fila. Outro fato curioso é que o rito não é obrigatório, só é realizado por vezes na



Promesseira na ladainha
Fonte: Lucas Pimentel (2022)

¹⁸ Rito de benzeção, em que o fiel pode fazer contato direto com o santo no altar.

última ladainha do santo, ou seja, há edições da festividade em que não é executada.

Após o rosário, os foliões convidam os mordomos a se retirar da capela para voltar à barraca. Com isso, a população também os acompanha, dirigindo-se aos assentos que iniciaram a celebração. Os mordomos reacendem as velas e retornam à barraca. Ao chegarem no local, os foliões os agradecem e encerram a liturgia com o apagão e recolhimento de todas as velas.

Observei que essa última ladainha, juntamente com reunião de mordomos, conta com total apoio participação da comunidade em geral. A capela realmente fica tomada de devotos, assim como a barraca se abarrotava de visitantes, se tornando muito mais que uma celebração final, mas sim uma confraternização anual de todo o público.

Em seguida, ocorrem as atrações comuns da festa, como o tradicional Gambá, quermesse, vendas e promoções. Os locutores animam a noite com os donativos do leilão, famílias se reúnem para arrematar os produtos, em especial a torta¹⁹ do santo que se configura como o item mais cobiçado da festividade. Ademais, há intervalos com músicas ao vivo, que se estendem até a 1h, quando se finda a programação na barraca.

O último dia de festividade quase sempre ocorre aos domingos. A programação começa às 8h com a Santa Missa. Os foliões também fazem a abertura da celebração. Já a liturgia é comandada por um coral da cidade de Porto de Moz, que se apresenta há mais 20 anos. A influência e participação de rezadores de outro município são compreendidas na narração de um líder e diretor da festividade a seguir: “desde os anos 2000 o coral de São Sebastião da Paróquia de São Brás de Porto de Moz é responsável pela missa de domingo no encerramento da festa. Agora o padre só me recordo de ter vindo uma vez, nem fazemos questão dele” (Vieira, 2022).

A presença do coral já é uma tradição. Entretanto, os sacerdotes, como párocos e bispos, não participam de nenhum momento da festa, visto que a comunidade não dá importância e tampouco são convidados. Nas minhas percepções investigativas, percebi que a comunidade não faz esforço de conectar-se presentemente com qualquer representação física da Paróquia de Gurupá, sendo muito mais viável não ter essa vigilância ou assistência de superiores da igreja, que por vezes nem cogitam apreciar a festa.

¹⁹ Bolo confeitado doce com decoração bem chamativa e grande, sendo o donativo mais caro da festa.

Tudo isso se deve pela coação que o catolicismo canônico se sobrepõe às manifestações dos quilombos, partindo de um confronto que se estende historicamente entre comunidade e catolicismo oficial. As rezas santorais são sempre organizadas pelos comunitários, sem nenhuma autonomia das autoridades eclesiásticas. Galvão (1955) enfatiza que padres e bispos não aprovam atos profanos em paralelo com os cultos, por isso são considerados hereges²⁰ pelo catolicismo oficial, por conterem baile, bebidas e danças mundanas.

Na festividade de São José em nenhum momento senti e ouvi uma preocupação a respeito das autoridades canônicas. Ao contrário, a comunidade não transparece nenhum remorso com essa ausência. Na verdade, o quilombo tem a autonomia sobre todos, operando uma festa pelas mãos do seu próprio povo.

Com essa configuração, a santa missa finaliza por volta das 10h30, emendando-se com a cerimônia de derrubada do mastro. A formalidade de derrubada é semelhante à levantação em seus cânticos da folia e cortejo na área externa da barraca, mas dessa vez com finalidade de tombamento do mastro.

Os foliões convidam os devotos para cortejar a imagem do santo, retirando do altar para o pátio da capela. Com isso, ao chegar no recinto externo, o locutor oficial dá início ao rito de derrubada. Primeiramente é escolhida uma criança/jovem para subir até o topo do mastro. No trajeto da subida, o escolhido lança as frutas e bombons fixados no mastro para os presentes abaixo, que disputam a qualquer custo.

Após chegar ao topo, o trepador retira a bandeira com estampa do santo, e ao descer é solto um conjunto de fogos de artifícios simbolizando o auge da cerimônia. O ponto mais esperado é o descimento da bandeira, que deve ser entregue nas mãos dos juizes do mastro do ano seguinte que se dirigem à base do mastro para recepcionar a bandeira, nomeando-se perante a todos, que o aplaudem e parabenizam.

Nas minhas observações, notei que esse nomeado já informou à diretoria antecipadamente sobre o suposto empunhamento da bandeira. Assim é comum haver muitos interessados, mas sempre há uma decisão consensual com os demais, priorizando o promesseiro que aguarda por mais tempo ou com votos de compromisso de maior valor.

²⁰ Pessoas que cometem ou professam atos contrários à doutrina oficial da igreja.

Em sequência segue a derrubada do mastro em que é usado um machado enfeitado com ramos e folhas. O locutor faz um chamado individual de cada mordomo que compôs a festividade, desde os juizes do mastro, um representante de cada família e juizes da festa, para que todos possam golpear o mastro, lembrando a extração de uma árvore.

Após os cortes efetuados pelos mordomos, o locutor chama as demais pessoas presentes, como foliões, promesseiros, devotos e visitantes, de modo que é indicado um cortador final, que faz o último corte no mastro. Os adultos fazem o suporte abaixo para que o mastro seja aparado com todo cuidado.

Posto isso, os foliões rodeiam o tronco do mastro em cantorias, enquanto os devotos com animação carregam o mastro para a barraca para a última mão-de-samba da festividade. Os foliões retornam com a imagem para o altar agradecendo e encerrando os seus compromissos com o santo. Em seguida, vão à barraca entoar o grande Gambá.



Mordomo golpeando o mastro
Fonte: Lucas Pimentel (2022)

Esse Gambá é o único de toda a festividade que é executado e dançado de dia. A dança é a derradeira participação dos foliões. Os visitantes de fora da comunidade é que comandam, os locutores animam os presentes com um bordão peculiar da festividade afirmando “que quem não dança a última mão-de-samba de São José não volta no ano seguinte”. O casal que representa a pomba e gavião também protagonizam do momento.

O mastro faz parte desse momento final, os devotos retiram as palhas de açai e guardam em seus bolsos, bolsas e carteiras pessoais, pois acreditam que atraem proteção, saúde e estabilidade financeira. Para o fechamento da festividade no geral, a comunidade realiza uma reunião de mesa, por volta das 12h30, convocando toda a diretoria da festa para agradecimentos e prestação de contas com as receitas arrecadadas em todo o período. Assim se encerra definitivamente a programação da festa de São José.

Com o término da festividade, a comunidade volta às suas rotinas. Os instrumentos e indumentárias da folia são guardados, os comunitários voltam a suas atividades extrativistas

e agrícolas, mas o espírito e missão de mais uma festa vivida se mantém vivo, para que no próximo ano mais uma edição aconteça, alimentando a herança quilombola. Após todas minhas análises no decorrer dos onze dias de festejo, pude entender o quanto a festividade é esperada, planejada e vivida pela comunidade, o quanto os foliões têm uma dimensão exorbitante em todos os momentos, se manifestando na vanguarda histórica da expressão religiosa e até mesmo se hibridando em etapas consideradas “irreligiosas”.

Considerações Finais

A festividade de São José é apenas uma das inúmeras manifestações católicas existentes em múltiplas comunidades quilombolas de Gurupá, no Pará. Sua realização perpassa o sentido religioso e agrega as relações interpessoais desses grupos sociais, de modo que fazer festa também é parte da resistência preta na Amazônia paraense. Para mais, os festejos transportam uma carga de repasse familiar que aquece as vivências grupais em prol da veneração a um santo que simboliza a identidade histórica do quilombo.

Diante do exposto, compreendo que a pesquisa por muitas vezes se confunde com o entendimento prévio que concebemos. Do mesmo modo, confesso que explorar o universo de manifestações existentes na festividade de São José não foi uma tarefa fácil, mesmo com minha vasta experiência em lócus. Por fim, aprendi que as simbologias e significados estão além do físico e materiais vigentes, de igual modo, estão no sentido impalpável e epistemológico da expressão.

Nessa fundamentação, as compreensões extraídas superaram todas as expectativas possíveis, traquejadas desde a elaboração projetada, perpassando toda a construção do estudo em seu estado cabal. Ademais, espera-se que este trabalho não seja uma obra isolada na vanguarda gurupaense, mas que se sucedam futuras pesquisas nas comunidades quilombolas de Gurupá, na contemplação da vasta expressão cultural, histórica, artística e religiosa, intrinsecamente plural.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas: Papyrus, 1997.

BAENA, A. L. M. *Ensaio corográfico sobre a província do Pará*. Brasília: Senado Federal, 1833.

BENAION, Aguinaldo dos Santos. *Aspectos Gerais da Folia de São José*: depoimento [mar. 2022]. Entrevistador: Fábio José Brito dos Santos. Carragedo-Gurupá-PA: Igreja de São José do Carragedo, 2022. Arquivo digital. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - PPGCR/UEPA.00h08m31s.

CALLADO, P. *Música e Territorialidade: Gurupá - Porto de Moz - Almeirim - Aveiro*. 2013. Cultura do Gambá. Disponível em: <https://culturadogamba.blogspot.com/>. Acesso em: 06 jan. 2013.

CORRÊA, Benevaldo Marques. *Contexto histórico da festividade e dos foliões*: depoimento [mar. 2022]. Entrevistador: Fábio José Brito dos Santos. Carragedo-Gurupá-PA: Residência do entrevistado, 2022. Arquivo digital. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - PPGCR/UEPA.00h13m05s.

GALVÃO, E. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Ita – Baixo Amazonas*. São Paulo: Nacional, 1955.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2008.

MOURA, G. *Festas dos quilombos*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

NASCIMENTO, Oswaldo Benjamin do. *Relatos históricos da festividade de São José e os primeiros foliões pioneiros da Folia: depoimento* [mar. 2022]. Entrevistador: Fábio José Brito dos Santos. Carrazedo-Gurupá-PA: Residência do entrevistado, 2022. Arquivo digital. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - PPGCR/UEPA.00h11m53s.

SANTOS, Sebastião Nascimento dos. *Significado e confecção de cada elemento da folia: depoimento* [jan. 2023]. Entrevistador: Fábio José Brito dos Santos. Gurupá-PA: Residência do entrevistado, 2023. Arquivo digital. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - PPGCR/UEPA.00h13m07s.

VEIRA, Waldomiro Pena. *Figuras emblemáticas da festividade e da Folia: depoimento* [mar. 2022]. Entrevistador: Fábio José Brito dos Santos. Carrazedo-Gurupá-PA: Residência do entrevistado, 2022. Arquivo digital. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - PPGCR/UEPA.00h07m58s.

WAGLEY, C. *Uma comunidade amazônica: o estudo do homem nos Trópicos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

LOPES, R. W. C. *CEBs Ribeirinhas: análise do processo de organização das comunidades eclesiais de base em Gurupá-Pa*. 2013. 206 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Centro de Ciências Sociais e Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2013.

Submetido em 29/05/2024

Aprovado em 22/10/2024